

TALVEZ EU SEJA “PRETA DEMAIS”:

quando falta amor, sobra melanina

MAYBE I AM “TOO BLACK”:

when there is a lack of love, there is too much melanin

TAL VEZ YO SEA “DEMASIADO NEGRA”:

cuando falta amor, sobra melanina

PEUT-ÊTRE QUE JE SUIS « TROP NOIRE »:

quand l’amour manque, il ne reste que la mélanine

Josenaide Engracia dos Santos

Doutorado em Ciências da Saúde (UNB); Professora da Universidade de Brasília (UNB); Brasília, Brasil.

josenaidepsi@gmail.com

Ana Laura Gomes Moura

Graduanda em Terapia Ocupacional, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil

gomesanalaurai@hotmail.com

Jessica Daiane Matias Silva

Graduanda em Terapia Ocupacional, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil

jdaiane97@yahoo.com

Micaele Bastos Avelar

Graduanda em Terapia Ocupacional, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil

micaele.to.unb@gmail.com

Recebido em: 03/02/2023

Aceito para publicação: 11/06/2023

Resumo

Historicamente, mulheres negras experimentam múltiplas adversidades devido ao racismo e sexismo que refletem no seu campo afetivo. Para a sociedade, ser negra significa ser tomada, ser subjugada e sofrer violência. Entretanto, poucos são os estudos que abordam racismo, gênero e afetividade. O objetivo desta pesquisa foi compreender as implicações de ser mulher negra no campo afetivo. Como metodologia, adotou-se a pesquisa qualitativa construcionista social, que utiliza o Mapa de Associações de Ideias para a análise dos discursos de cinco mulheres autodeclaradas negras. Os resultados sugerem que a estética e mulheres negras são espaços em que o preconceito racial se retroalimenta, no campo afetivo. Quanto mais melanina, menos amor, mais humilhação e solidão. Os resultados foram apresentados em quatro temáticas juntamente com os discursos das participantes. Portanto, conclui-se que, quanto mais características africanas, menos amor e mais solidão afetiva. Contudo, as situações

relatadas também sugerem a possibilidade de reversão desse processo com o aquilombamento, uma forma de resistência e possibilidade de novas formas de suporte entre as mulheres negras.

Palavras-chave: Mulheres negras, afetividade, racismo, amor, quilombismo.

Abstract

Historically, black women have experienced multiple adversities due to racism and sexism that reflect in their affection. For society, being black means being taken, being subdued, and suffering intimate violence. However, there are a few studies that address racism, gender, and affectivity. The objective of this research was to understand the implications of being a black woman in the affective field. As a methodology, social constructivist qualitative research was adopted, which uses the Map of Associations of Ideas to analyze the discourses of five self-declared black women. The results suggest that aesthetics and black women are spaces in which racial prejudice is fed in the affective field. The more melanin, the less love and the more humiliation and loneliness. The results were presented in four topics together with the speeches of the participants. Therefore, the conclusion is that the more African characteristics, the less love and more affective loneliness. However, the situations reported also suggest the possibility of reversing this process with “aquilombamento”, a form of resistance and possibility of new types of support among black women.

Keywords: Black women, affectivity, racism, love, aquilombamento.

Resumen

Históricamente, las mujeres negras experimentan múltiples adversidades debido al racismo y al sexismo que reflejan en su campo afectivo. Para la sociedad, ser negra significa ser tomada, ser subyugada y sufrir violencia íntimamente. Sin embargo, pocos son los estudios que abordan racismo, género y afectividad. El objetivo de esta investigación fue comprender las implicaciones de ser mujer negra en el campo afectivo. Como metodología, se adoptó la investigación cualitativa constructorista social, que utiliza el Mapa de Asociaciones de Ideas para el análisis del discurso de cinco mujeres autodeclaradas negras. Os resultados sugerem que a estética e mulheres negras são espaços em que o preconceito racial se retroalimenta, no campo afetivo. Quanto más melanina, menos amor, más humillación y soledad. Los resultados fueron presentados en cuatro temáticas junto con el discurso de las participantes. Por lo tanto, se concluye que cuanto más rasgos africanos, menos amor y más soledad afectiva. No obstante, las situaciones relatadas también sugieren la posibilidad de reversión de ese proceso con el *aquilombamento*, una forma de resistencia y posibilidad de nuevas maneras de apoyo entre las mujeres negras.

Palabras clave: Mujeres negras, afectividad, racismo, amor, quilombismo.

Résumé

Historiquement, les femmes noires expérimentent des nombreuses adversités dues au racisme et au sexisme qui se reflètent dans leur aspect émotionnel. Pour la société, être noire signifie être prise, être subjuguée et souffrir la violence intimement. Cependant, peu d'études traitent du racisme, du genre et de l'affectivité. Le but de cette recherche a été de comprendre les implications d'être une femme noire dans l'aspect émotionnel. En tant que méthodologie, la recherche qualitative constructionniste sociale a été adoptée. Elle utilise la Carte des Associations d'Idées pour l'analyse des discours de cinq femmes qui se déclarent noires. Les résultats suggèrent que l'esthétique et les femmes noires sont des espaces dans lesquels les préjugés raciaux sont rétroactifs, dans l'aspect émotionnel. Plus il y a de mélanine, moins il y a d'amour, plus il y a d'humiliation et de solitude. Les résultats ont été présentés dans quatre thématiques avec les discours des participantes. Par conséquent, il est conclu que plus il y a de caractéristiques africaines, moins il y a d'amour et plus il y a de solitude affective. Cependant, les situations rapportées suggèrent également la possibilité d'inverser ce processus avec l'aquilombement, une forme de résistance et la possibilité de nouvelles formes de soutien chez les femmes noires.

Mots-Clés : Les femmes noires, l’ affectivité, le racisme, l’ amour, le quilombisme.

Introdução

As dimensões da vida em sociedade têm influências de ideologias dominantes. Somos afetados direta ou indiretamente pelo que é produzido e reproduzido no mundo principalmente no que diz respeito ao processo de escravização de pessoas negras. Estudo de Santos e Oliveira(2018) aponta que o processo de escravização foi construído por mãos e pensamentos brancos eurocêntricos que, de maneira incontestável, instituiu padrões com efeitos pautados pelo racismo científico.

O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento. Forma de opressão que atinge a população negra, de maneiras e intensidades distintas, a considerar que pessoas negras, individualmente, carregam marcadores sociais divergentes, como gênero, classe social, território, religião, entre outros fatores que levam esses sujeitos a vivenciarem o racismo de maneiras discrepantes, a exemplo das mulheres negras (ALMEIDA, 2020, p. 32-34).

A interação entre tais fatores foi chamada por de interseccionalidade, uma conceituação que trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres. (CRENSHAW, 2002, p. 177).

A situação da mulher negra ainda hoje, no Brasil, manifesta um prolongamento da sua realidade vivida no período de escravidão com poucas mudanças, pois ela continua em último lugar na escala social, é aquela que mais carrega as desvantagens do sistema injusto e racista do país. Inúmeras pesquisas realizadas nos últimos anos mostram que a mulher negra apresenta menor nível de escolaridade, trabalha mais, porém, com rendimento menor, e as poucas que conseguem romper as barreiras do preconceito e da discriminação racial e ascender socialmente têm menos possibilidade de encontrar companheiros no mercado matrimonial (SILVA, 2015, p. 1).

Estudos sobre afetividade da mulher negra e racismo ganharam maior interesse nos últimos anos, apesar de ainda serem necessários avanços e aprofundamentos nesta área, pois são poucas as pesquisas que abordam o entrelaçamento entre as questões raciais, de gênero e afetividade. Apesar de parecer que as escolhas afetivas estão circunscritas à vida privada, indubitavelmente é impossível negar que o regime escravocrata, que durou quase quatro séculos (e nele compreendem-se anos de torturas, humilhações e violências de toda ordem), não tenha afetado a nossa percepção do que é virtuoso, belo e digno de amor. São universos interligados, construídos e alicerçados na ideologia racista, ordenadas com bases em características físicas, tais como textura do cabelo, lábios, nariz e cor da pele. Nesse contexto, as mulheres negras sofrem mais discriminação, desvalorização e solidão afetiva.

As experiências afetivas das mulheres negras se reportam em um primeiro momento à desvalorização da natureza feminina, que aconteceu durante a escravização e se mantém no decurso de centenas de anos, caracterizada pela opressão que humilha, subjuga e se reflete no

campo afetivo. Para Bell Hooks (2021, p. 1) “muitas mulheres negras sentem que em suas vidas, existe pouco ou nenhum amor”, o que as leva a viver em constante solidão. A autora relata que essa é uma verdade privada que raramente é discutida em público e impede a mulher negra de experimentar a capacidade de amar e viver plenamente.

Para entender a necessidade de investigação acadêmica relacionada entre mais melanina e menos amor, é importante entender o que Carmo e Rodrigues (2021) explica: a imagem construída sobre as mulheres negras era, e ainda é voltada para hipersexualização, dos trabalhos sem reconhecimento e geralmente solitárias nos relacionamentos.

Para a sociedade, ser mulher de pele negra significa ser tomada, ser subjugada e sofrer violência intimamente. Spates *et al.* (2020) destacam que as mulheres negras são percebidas como hipersexualizadas desde a escravidão, corpos mercantilizados não apenas para o trabalho, mas também para as necessidades sexuais dos senhores que exotificaram seus corpos.

As negras são maioria no mercado de trabalho em profissões de subalternidade e são muitas vezes preteridas nas relações afetivas, se casam menos, e quando o fazem, se divorciam mais do que as brancas (DIXON, 2009, p. 34).

Comparadas às mulheres brancas e hispânicas, as mulheres negras se casam mais tarde na vida, são menos propensas a se casar e têm altas taxas de instabilidade conjugal.

No Brasil, os estudos foram pioneiros ao demonstrar que mulheres negras são as que têm menos chances de encontrar parceiros afetivos fixos, fator que exprime a relevância de se incluírem determinantes de raça, gênero, sexualidade e idade, por exemplo, nas pesquisas demográficas sobre relações conjugais no contexto brasileiro (BERQUÓ, 1987, p. 131).

Ainda, pode-se concluir acerca da lacuna de estudos que tratam especificamente sobre tal temática, uma vez que “Nupcialidade da população negra no Brasil”, de Berquó (1987), foi o último estudo apresentado nacionalmente de grande abrangência e destaque. Posteriormente, tem-se a dissertação de Souza (2008), quando busca compreender os interstícios da solidão da maioria das mulheres negras a partir do modelo de sociedade, dado o seu processo de formação histórica, das fundações onde se assenta tal organização social, bem como do papel relegado para cada categoria étnica. Pacheco (2013) mostra como as preferências afetivas são reguladas pelos distintivos raciais, pela cor da pele, características fenotípicas e estéticas (corporais) que perfazem um conjunto de fatores que regulam as escolhas.

Clarke (2011) revela que as mulheres negras apresentam mais desvantagens para o romance, devido ao racismo histórico, intencional e sistêmico. Assim como Adeyinka-Skold e Roberts (2019) argumentam que as mulheres negras têm menos probabilidade de serem contatadas no universo das relações afetivas, e vivenciam mais frequentemente a exclusão, ou solidão. Em conjunto, o racismo e o sexismo operam nessa solidão, no abandono e nas demais formas de violência presentes na dinâmica social da mulher negra: violência psicológica, simbólica, por muitas vezes, física. De acordo com o pensamento de Kilomba (2019), por não serem brancas nem homens, as mulheres negras ocupam uma posição muito difícil na sociedade supremacista branca, representando uma antítese de branquitude e masculinidade. Em seu

texto “Eu, Nega Fya e a solidão da mulher preta!”, Santos (2020) diz ser inegável que um padrão histórico de abuso racial e sexista faça parte das histórias afetivas de mulheres negras. Para a autora, todas as mulheres negras têm registrado, nas suas memórias, um acúmulo de eventos violentos e racistas.

Assim, historicamente, mulheres negras experimentaram múltiplas adversidades devido ao racismo e sexismo. Todavia, pouca atenção tem sido dada às experiências dessas mulheres em vários contextos, principalmente no que diz respeito ao afetivo. Poucas são as pesquisas que levam em consideração tal temática e sua relevância para a compreensão das implicações da dinâmica entre racismo e sexismo no Brasil. Dessa forma, o estudo tem por objetivo compreender as implicações do ser mulher negra no campo afetivo, tendo sua relevância inserida na ação de evidenciar a articulação entre o racismo e o sexismo, e como estes produzem barreiras para a constituição de mulheres negras, quando se trata de vivências afetivas.

Métodos e Técnicas

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que elegeu como abordagem teórica metodológica o construcionismo social, pois possibilita capturar o processo da produção de sentidos dentro dos contextos sociais. A investigação socioconstrucionista, consoante Gergen (1985) preocupa-se, sobretudo, com a explicação dos processos por meio dos quais as pessoas descrevem, explicam ou dão conta do mundo (incluindo a si mesmo) em que vivem, ou seja, considerando os sentidos que circulam na sociedade. O método de investigação é apropriado porque atende ao objetivo de pesquisa.

O sentido, aqui entendido, segundo Spink (2010), como uma construção social, um empreendimento coletivo interativo, por meio do qual as pessoas, na dinâmica das relações sociais, historicamente datadas e culturalmente localizadas, constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta, do dia a dia, do cotidiano. Os processos de produção de sentidos implicam existência de interlocutores variados cujas vozes se fazem presentes. As práticas discursivas estão sempre atravessadas por vozes, são endereçadas e, portanto, supõem interlocutores. Nessa perspectiva, a investigação construcionista tem como foco, para Spink e Medrado (2004), a explicação dos processos e estruturas da interação humana.

Participaram da pesquisa cinco mulheres que se autodeclararam negras, maiores de 18 anos, residentes do Distrito Federal e Entorno e que aceitaram participar da pesquisa. O recrutamento dos participantes foi por conveniência, devido à proximidade com alguns pesquisadores.

O instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, tendo um roteiro previamente elaborado para obter dados flexíveis, sendo evitadas perguntas que permitam respostas automáticas. A entrevista foi conduzida por três estudantes negras graduandas do curso de Terapia Ocupacional, sob orientação da professora negra do mesmo curso. Buscou-se a produção de diálogo com as participantes, dentro de um campo descontraído, proporcionando-lhes o máximo de liberdade de expressão. Tendo como parâmetro Fontanella *et al.* (2011), considerou-se a saturação teórica, com a interrupção da captação de novos participantes, pois se constatou o esgotamento de novos tipos de enunciados.

Devido à pandemia de Covid-19, as entrevistas foram realizadas virtualmente por meio das ferramentas *Google Meet* e *Microsoft Teams*, durante as três primeiras semanas de fevereiro do ano de 2022, com duração média de 40 minutos. As pesquisadoras motivaram as participantes a falarem sobre questões pertinentes à questão de pesquisa, fazendo perguntas abertas individualmente. Algumas vezes, na entrevista, as pesquisadoras esclareceram perguntas para investigar melhor os tópicos introduzidos pelas participantes. A entrevista foi gravada e transcrita, respeitando a grafia e a sintaxe utilizadas pelas participantes do estudo na apresentação das falas e codificadas como E1, E2, E3, E4 e E5. A codificação X foi utilizada em respeito às referências pessoais citadas pelas entrevistadas, como a identificação de outras pessoas no discurso.

O projeto de pesquisa e o respectivo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram avaliados e aprovados pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), CAAE: 50020721.2.0000.5540. A pesquisa realizada assegurou a confidencialidade das informações obtidas, a preservação da privacidade, proteção da imagem dos sujeitos de pesquisa, para produzir o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos aos envolvidos (BRASIL, 1996). Na etapa inicial da análise de dados, foi explorada cada uma das entrevistas, e os temas e enunciados correspondentes, que cada pesquisador considerou, foram anotados, compilados e agrupados. Na análise de dados, foi utilizado o Mapa de Associação de Ideias, que, de acordo com Spink (2010, p. 38), “são instrumentos de visualização do processo de interanimação que possibilitam, entre outras coisas, mostrar o que acontece quando perguntamos certas coisas ou fazemos certos comentários”. O mapa nada mais é que uma tabela na qual as colunas são definidas tematicamente. Os temas que irão refletir as perguntas norteadoras da entrevista.

Conforme Spink e Lima (2004), o mapa de associações de ideias é um recurso para produzir sentido e compreender determinadas passagens das entrevistas, cuja técnica envolve os seguintes passos: a) um processador de dados tipo *word for windows* para digitar toda a entrevista; b) constrói-se uma tabela com números de colunas correspondentes às categorias utilizadas; e c) utiliza as funções cortar e colar para transferir o conteúdo do texto para as colunas, respeitando-se a sequência do diálogo (SPINK; LIMA, 2004).

Os trechos das entrevistas referentes ao amor e ao racismo foram transcritos, respeitando, conforme Pinheiro (2004), a sequência de enunciação em colunas correspondentes às categorias descritivas que emergiram dos objetivos da pesquisa e da leitura. A construção dos mapas inicia-se pela definição de categorias gerais, de natureza temática, que refletem, sobretudo, o objetivo da pesquisa.

Resultados

As participantes deste estudo apresentaram idade entre 22 e 39 anos, renda de um a nove salários mínimos e todas com ensino superior completo. No que diz respeito ao gênero e à orientação sexual, quatro são mulheres cisgêneros e uma mulher transgênero, e apenas uma delas afirma interesse em vivenciar “relacionamentos não heterossexuais”. No que se refere à religião, indicaram transitar entre o catolicismo – em sua maioria –, a religião evangélica, o espiritismo, o candomblé e a umbanda.

Para melhor ilustrar o fenômeno estudado, os resultados foram apresentados em quatro temáticas, escolhidas de acordo com os discursos que mais se repetiram durante as entrevistas das participantes da pesquisa.

1. O peso “de sempre ser a menina mais feia e excluída nos olhos dos outros”: A relação entre estética e afetividade

A fenotipia negra é todo o tempo atacada por olhares e formas depreciativas com relação à sua cor, seu cabelo, seu ser. Schucman (2018) diz que a negritude é representada como lugar de inferioridade racial. Hordge-Freeman (2020) explicita que a mulher negra tem suas aparências desvalorizadas. São considerados feias, os corpos objetificados como ruins e desagradáveis. Ainda para a autora, as avaliações de beleza têm sido historicamente usadas para controlar as mulheres ao vincular seu valor à sua beleza, o que interfere nas suas interações interpessoais e acesso ao afeto.

É importante salientar que a concepção sobre o preterimento das mulheres negras, vem sendo construído e se revela desde a infância. E3 apresenta elementos que têm relação com o trauma, o que produz reflexões na sua fala. “Eu acredito que por conta dos traumas passados né, de sempre ser a menina mais feia e excluída nos olhos dos outros, eu meio que tinha na minha cabeça, na minha concepção, que outros garotos não iriam me olhar, porque as meninas, vamos colocar assim, brancas ou mais bonitas que eu, pelo ponto de vista das pessoas, elas teriam a preferência”.

Compartilhando de vivências parecidas, E2 fala que, durante a adolescência, sentiu a imposição do padrão estético branco “...Ó, não era muito não, porque eu era esquisitinha, viu? Eu não era muito não, eu era tida como uma feinha, assim”. A participante relata sua crença de que é feia. A fenotipia racial negra é um impedimento no mercado matrimonial.

Ainda baseado nas premissas de que o branco é a expressão do que é humano e belo, e que para se humanizar é necessário se embranquecer, ao longo da infância e adolescência, meninas negras são submetidas a diversos processos realizados pela mãe, ou pelo adulto mais próximo, que contribuem para o apagamento e controle da negritude. Nesse sentido, E1 relata: “...minha mãe desde pequenininha passava muito alisante no meu cabelo, para que ficasse próximo ao cabelo das minhas irmãs, que é liso, extremamente liso, então assim...eu sofria queimaduras na cabeça, e “n” coisas para poder manter esse padrão”. A informante faz referência ao esforço de alisamento do cabelo, para Hordge-Freeman (2020), o racismo generificado enfatiza a beleza, e o cabelo parece ser um impedimento importante para mobilidade social e afetiva, ou seja, quanto mais fenotipia próxima da branquitude, mais vantagens materiais e afetivas para as mulheres, daí a necessidade de alisamento do cabelo.

O corpo negro é racializado e mapeado com ideias de branquitude, principalmente na escola, enquanto espaço social onde se manifestam as diferenças, o preconceito e a discriminação se acentuam. É durante a trajetória escolar que os padrões estéticos e as oportunidades de comparação se evidenciam no cotidiano da criança e do/a adolescente negro/a. Acerca de tais experiências, E3 relembra sua rejeição no espaço escolar devido ao seu tipo físico, seu cabelo, e sua cor da pele, vivida na adolescência: “A relação na escola foi muito difícil [...] eu sofri muito, porque eu era...sou preta, é... cabelo afro e eu era bem gordinha, então eu tinha todos os atributos pra sofrer bullying, pra ser julgada, pra ser rejeitada, e eu me senti muito rejeitada durante muito tempo do meu ensino fundamental, do meu ensino médio”. O tratamento diferencial relatado revela o impacto emocional que teve na entrevistada.

Para toda mulher negra, a relação entre gênero e beleza é uma armadilha, permeada pelo racismo e sexismo, que tem como consequência uma dificuldade para a construção da identidade racial positiva de adolescentes negras, visto que a regra de humanidade na sociedade é branca, sinônimo de positividade. E4 usa expressões como: “...quando eu via, no ensino médio, uma menina que era...a considerada bonita, nunca era parecida comigo”. A entrevistada é consciente dos padrões de beleza nos quais não se encaixa.

A sociedade racializada faz com que a entrevistada perceba que ser preta tem relação com feiura e desvalorização. E1 expõe que, ao se deparar com essas diferenças, não entendia que esse processo se dava por conta da sua cor de pele, e ressalta que foi a partir da adolescência que passou a compreender: “...quando na infância, eu sabia das situações, mas não compreendia, eu não sabia as nomenclaturas disso...eu não entendia como o racismo, como se fosse porque eu fosse negra [...] eu vim entender isso um pouco mais na idade, no juvenil, que eu fui entendendo...”

E5 ressalta suas vivências atravessadas pela estrutura racista, onde muitos dos seus amores não eram recíprocos, e o que prevalecia diante disso eram os amores velados, amores “escondidos”, uma vez que não era escolhida pelo outro na adolescência: “...a minha adolescência, por exemplo, eu não tive um namoradinho na escola né, eu não tive um namoradinho da minha rua, todos os meus amores aí do começo, eles eram velados, não eram dados”. As mulheres negras não são consideradas como parceiras para relacionamento devido a sua desvalorização.

2. “Ela é boa pro sexo, mas ela não é boa pra casar”: A hipersexualização da mulher negra no cenário afetivo.

Em uma sociedade patriarcal, o valor da mulher é fortemente determinado pela sua aparência. As mulheres pretas têm uma posição depreciada, carregada de estereótipos. Gonzalez (2020, p. 68) explica: “[...] a pessoa negra é vista como um objeto de entretenimento. Essa tipificação cultural dos negros também assinala outro elemento comum condensado em atributos corporais: força/resistência física, ritmo/sexualidade”.

Assim, tem-se a impressão de que a afetividade das mulheres negras é tratada como um acontecimento da ordem do esperado e, tal como um roteiro pronto, trata essas mulheres como objeto sexual: “Em alguns momentos, eu tenho a sensação [...], que assim, é bom ficar com uma mulher negra, ‘ela é gostosa... ela sabe o que faz, é boa de cama’”, ou: “...na hora de apresentar, de ter algo sério, de pensar uma vida a dois, parece que a gente não é a primeira opção, sabe?”, diz E2.

E2 também pontua acerca de tais consequências dessa iconografia hipersexualizada de mulheres negras para a determinação de escolhas de parceiros afetivos: “...eu compartilho dessa ideia [...] também que é ‘Ah, pra ficar, pra namorar é bom, né? Mas pra namorar, ter algo mais sério vou escolher a branquinha ali’”.

Pacheco (2013) traz uma reflexão nesse sentido quando diz que as mulheres negras estariam fora do “mercado afetivo” e naturalizadas no “mercado do sexo”, da erotização, do trabalho doméstico, feminilizado e “escravizado”, e que tais determinantes regulam as escolhas afetivas dessas mulheres. Em contraposição, a autora também traz a perspectiva de mulheres brancas, as quais, dentro dessas elaborações, seriam pertencentes “à cultura do afetivo”, do casamento, da união estável (PACHECO, 2013, p. 25).

O discurso de E3 explica: “Para o homem, a mulher ela tá ali, principalmente a preta, ela tá ali para servir, para suprir as necessidades dele, e nada mais, é muito difícil você ver um homem que... falando bem assim ‘não pô, vou casa com uma mulher preta, vou assumir uma mulher preta’ tratar da mesma forma que mulheres brancas são tratadas.” A mulher branca é desejada para satisfazer o campo

afetivo do homem, e ele assume publicamente a relação com ela, enquanto a mulher negra é cobiçada para satisfazer o desejo sexual, às escondidas (SANTOS, 2020).

Diante dessa realidade, é possível evidenciar o racismo dentro dessas dinâmicas afetivas, colocando, mais uma vez, a mulher negra em desvantagem. Nos versos da poesia “Coisa de Preto”, da poeta e cantora Cristal, os estereótipos de hipersexualização e a preferência afetiva restrita às mulheres brancas são reveladas: “As pretas são salientes/ Meninas brancas inocentes/ Pele clara é de boa moça, mas nossa postura é indecente? / Ah, não enche!/ Tratando nossas mulheres como experientes/ Corpos negros não valem nada até que você experimente” (PRAZER,..., 2019).

E4 indica como tais implicações afetaram suas impressões sobre sua própria corporeidade e consequente relação com a afetividade: “*Analisando toda a minha trajetória, é que eu sempre fui aquele tipo ‘mulata exportação’, sabe? De ‘Ah, ela é boa pro sexo, mas ela não é boa pra casar-se, entende? E aí, atrai muito homem, é... porque é bonito de ver, porque é exótico, mas na hora de pegar pra assumir, não...’*”. Nos discursos de E4, percebe-se de maneira prática como esses papéis de gênero e raça, articulados para mulheres negras, moldaram seus modos de ser, fazer e pensar, determinando, quase que de forma automática, a obrigatoriedade da exotificação, sexualização e animalização da corporeidade dessas mulheres.

Na perspectiva brasileira, é que se põe a prova o famoso ditado “branca para casar, mulata pra f... e preta pra trabalhar”. Quando se fala em exotificação de tais corpos, E5 compreende: “... querendo ou não o corpo, principalmente da mulher negra, ainda é exotificado né, é sexualizado. Não que o corpo do homem negro não seja né, [...] mas dentro de uma conjuntura e de uma construção machista, pra eles ainda chega a ser um pouco mais “favorável”.

Com a fala de E5, é possível resgatar o conceito de interseccionalidade de Crenshaw (2002), que trata da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, classes, etnias e outras. Por mais que homens e mulheres negras compartilhem de um determinante racial, suas experiências com gênero são completamente distintas. Assim como mulheres brancas e negras compartilham do determinante de gênero, mas com experiências raciais diferentes. De acordo com Ribeiro (2020), reconhecer o *status* de mulheres brancas e homens negros como oscilante nos possibilita enxergar as especificidades desses grupos e romper com a invisibilidade da realidade das mulheres negras.

3. “Por que as pessoas não gostam de mim?”: Diálogos que revelam a cor digna de amor.

Hooks (2021), quando fala que existe pouco ou nenhum amor na vida de muitas mulheres negras, pontua que tal realidade é tão dolorosa que mulheres negras raramente falam abertamente sobre isso. A autora estadunidense explica que a expressão do amor se dá através de uma união do sentimento e da ação, e que, ainda, o “sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual”, fazendo com que esse grupo se sinta frustrado enquanto amante (HOOKS, 2021, p. 1).

A ausência do amor e plenitude é evidenciada através dos discursos das entrevistadas, demonstrando que há uma menor dosagem de tal sentimento à medida que suas peles são escurecidas. O amor tem cor quando E3 questiona: “...penso muito sobre muitas coisas, e uma das coisas que eu sempre pensei muito depois que eu tive meus filhos foi: Por que que muita coisa acontece?”

Por que que minha vida... vamos dizer assim, afetiva, relacionamento e tudo mais, não vai pra frente além do que eu esperava?".

Conforme tais questionamentos são feitos, observa-se que há uma tendência de que essas mulheres acumulem um sentimento de culpa e inferioridade. Isso é demonstrado quando E1 compartilha: *"...eu fiquei chocada, eu falava 'Por que as pessoas não gostam de mim? O que eu tenho de diferente? Só por causa da cor? É tão normal! O Brasil é um país que tem tanta... tantas cores, tantas pessoas diferentes. Por que que eu sou incapacitada? Ou não funciona? Só por causa disso?'"*.

De acordo com Schucman (2018), a frase "o amor é uma construção social" transmite o modo como os afetos, gostos e desejos são condicionados pela totalidade social. Dessa maneira, até os laços afetivos mais nobres se mantêm no interior de um mundo hierarquizado, violento e profundamente desigual.

É nesse cenário hierarquizado que se desenrolam os diversos papéis de gênero dentro das construções afetivas. Ao longo dos séculos, formou-se uma tendência de idealização por parte de homens negros de alcançarem um prestígio social – bem como o almejo da mestiçagem de futuros corpos negros –, por meio da preferência afetivo-sexual por mulheres brancas. Em contrapartida, de acordo com estudos de Azevedo (1996 apud PACHECO, 2013, p. 84), as mulheres negras e mestiças não conseguem ter as mesmas chances de casamento inter-racial, uma vez que não gozam de prestígio social, portanto, resta-lhes o concubinato ou o celibato. Dentro de contextos de relacionamentos inter-raciais, os discursos das mulheres negras entrevistadas revelaram essa ausência de valor e prestígio social participando de tal conjuntura, sendo vivenciadas situações de racismo, principalmente por parte famílias de seus parceiros brancos: *"Em relação a amor romântico, casamento, meu marido também é branco, e existiu sim um certo preconceito dos amigos dele...da família, então existe uma complexidade nessas relações né"*, diz E1.

Por outro lado, fora de um cenário heterocisnormativo, a relação de preterimento entre as próprias mulheres negras parece ser diminuída ou não existir. E2, ao compartilhar ser alguém que "gosta de pessoas", diz não sentir diferenças ao se relacionar com mulheres, já que, segundo ela, *"...eram só mulheres negras, também"*. Dessa maneira, o amor entre mulheres negras revela ter uma característica de total compreensão ao compartilharem de vivências semelhantes através dos mesmos determinantes sociais.

Já E5, descreve *"...eu sou uma mulher preta e sou uma mulher transexual né, então...as questões desses afetos, de fato, elas não estão dadas. E aí, é...nas minhas vivências, como elas acontecem, elas precisam acontecer de forma, é...nebulosas, às escondidas, entendeu? [...] a gente tá falando de um sentimento e de um afeto que não necessariamente é controlado por você [...] você não escolhe por quem você vai se apaixonar, com quem você vai se envolver, por mais que você tenha parâmetros"*.

Ao identificar-se enquanto uma mulher heterossexual, é possível perceber que E5 encontra complexidades diferentes de E2 nesse sentido. Nessa perspectiva, cabe salientar também que E5, quando se declara uma mulher preta e transexual – aqui lembrando do conceito de interseccionalidade –, tais complexidades se demonstram muito mais intensas, de modo que a própria entrevistada descreve experienciar relacionamentos às escondidas e que fogem de seu poder de controle e escolha.

O discurso das mulheres entrevistadas também revelou que, de acordo com que foi identificado por elas ao longo dos anos, suas experiências concretas, dentro de relações afetivo-sexuais, iniciaram-se de forma tardia, fato que aponta tal rejeição: *"E assim, não olhava muito,*

não tinha muita vontade de conhecer ninguém, quando os meninos iam tentar, é...me paquerar, eu fugia. E aí já fui dar o primeiro beijo com 18 anos e iniciei minha vida sexual já aos 26. Então assim, já começou tudo muito tarde, né?”, revela E2.

E5 ainda pontua que só durante o seu relacionamento atual conseguiu encontrar estabilidade e plenitude afetiva: *“...essa foi a primeira relação que alguém fez toda essa conjuntura social né, de me pedir em namoro, de colocar uma aliança no dedo né, que eu ainda não tinha vivido isso”*. Todavia, encontrou dificuldades em vivenciar tal relação, uma vez que *“...eu me questiono assim, eu falo: ‘Gente, será que eu tô preparada pra essa relação? Será que de fato é isso mesmo que eu quero?’. Como se eu tivesse me sabotando e dizendo pra mim que eu não sou capaz ou eu não posso viver uma relação como essa”*. De acordo com Hooks (2021), essa sensação de incapacidade de vivenciar o amor dita pela entrevistada se justifica desde o contexto escravocrata:

Pessoas que viveram em extrema pobreza e foram obrigadas a se separar de suas famílias e comunidades, não poderiam ter saído desse contexto entendendo essa coisa que a gente chama de amor. Elas sabiam, por experiência própria, que na condição de escravas seria difícil experimentar ou manter uma relação de amor. [...] Num contexto onde os negros nunca podiam prever quanto tempo estariam juntos, que forma o amor tomaria? (HOOKS, 2021, p. 2-3).

Existe uma complexidade do ato de dar e receber amor, de ser cuidada e de se sentir confortável em uma relação saudável para mulheres negras. Para mulheres que são preteridas, hipersexualizadas e que vivenciam violências e microagressões cotidianas é difícil conhecer e reconhecer o amor sem restrições. É nesse sentido, ainda, que emergem as questões de rejeição dentro das famílias de mulheres negras, revelando que a elas é direcionado pouco amor em todas as suas esferas de construções afetivas. E1 aponta: *“...minha mãe é branca e existe um minirracismo, pelo fato da minha mãe ser branca, e eu sou a única filha negra dela, eu sou de um casamento diferente, então existe uma complexidade nessa relação”*.

Ao reconhecer que é fruto de um “casamento diferente” – identificado aqui como um casamento inter-racial –, no qual sua mãe é uma pessoa branca, E1 nomeia que sofre um “minirracismo” dentro de sua estrutura familiar mais íntima. Ao diminuir essa situação com a denominação “mini”, E1 faz uma tentativa de justificar a falta desse amor materno a ela, considerado socialmente como uma das relações mais importantes dentro da estrutura familiar.

Nesse sentido, E1 constata: *“...de todas essas relações, as que mais me doem, realmente, é a minha relação familiar, principalmente com a minha mãe, porque mãe tem aquela coisa de ser sagrada, de sempre vai te amar, vai te adorar, então, [...] eu me sinto mal, eu tento suprir essa falta com...tudo que ela quer, pra poder, tipo...meio que ‘comprar’ o amor, assim, tentar conseguir alguma coisa, é difícil falar isso, mas é basicamente isso mesmo”*.

É nessa falta de amor mencionada pela entrevistada que se tornam evidentes as situações de racismo dentro do cenário familiar, estabelecendo, assim, uma relação de trocas em que a mulher negra sempre permanece em desvantagem, um retrato prático e real da posição dessa mulher na dinâmica de distribuição de privilégios dentro da sociedade brasileira.

Ademais, foi comum observar, através das falas das entrevistadas, uma solidão afetiva relacionada à esfera das amizades e de redes de suporte. Percebe-se que a vida de mulheres negras se constitui pelo atravessamento de inúmeras violências cotidianas e negligências por

parte do Estado, não possuindo, ainda, uma rede de acolhimento para o amparo diante de tais situações: “...desde as amiguinhas na escola quando era pequena, às vezes uma já não gostava de mim e eu não entendia o porquê, aí depois soltava algum tipo de comentário”, diz E4.

Notou-se que tais conjunturas foram percebidas por essas mulheres desde a infância, durante a idade escolar até a idade adulta, estabelecendo um contexto que parece seguir um padrão de desfecho. E3, ao compartilhar de experiências similares, diz que enxerga o mesmo se repetindo com sua filha de oito anos: “...minha filha já me deu alguns relatos de que ela já sofreu, eu já presenciei, [...] ela tá brincando com crianças, e outras chegarem e falarem ‘Ah, não brinca com ela não, sai de perto dela, é...ela tem a pele escura, não é legal ficar perto dela’. [...] Ela fala: ‘Mãe, por que se eu sou igual, eu só tenho a pele um pouco mais escura, o cabelo diferente, mas eu falo que nem as pessoas, eu vejo, eu escuto, eu sou igual, muda uma coisa ou outra, mas eu também sou gente’”.

Esses questionamentos feitos em uma idade tão tenra por uma menina negra em formação revelam a violência de uma estrutura racista e sexista engendrada pelo Estado à sociedade, a qual produz cenários propícios para que mulheres negras sejam mais suscetíveis a serem rejeitadas em todos as esferas de seus relacionamentos afetivos e dentre os espaços que permeiam, constituindo, assim, uma atmosfera de mera tentativa de sobrevivência para tais mulheres, no interior de um país que produz sofrimentos e danos para a negritude feminina como um todo.

Tais violências racistas se traduzem na fala de E3: “... já tive muitas amigas brancas que na frente dos outros se faziam para não parecer racista, ou que não gostavam, entendeu? Que se faziam, mas que a gente sempre sabe, a gente sente, é...quando a pessoa ela te trata diferente, quando tem aquela indiferença [...] falando bem assim ‘Ai, eu não gosto dela, mas não é porque ela é preta’”.

A narrativa de E3 legitima os escritos do intelectual Frantz Fanon (2020), quando o autor atesta: “Quando me amam, dizem que o fazem apesar da minha cor. Quando me detestam, acrescentam que não é pela minha cor... Aqui ou ali, sou prisioneiro do círculo infernal” (p. 131).

Pessoas brancas parecem demonstrar ações padronizadas por meio de atitudes quase sutis, com a clara finalidade de fazer mulheres negras se sentirem inferiores e permanecerem estagnadas “à sua posição”. Essas mesmas pessoas que reproduzem racismo diariamente, seja através da linguagem, conduta ou posicionamento, pensam ser um absurdo serem reconhecidas como tais. É quase como um ciclo ilógico de identificação do racismo como uma prática violenta e, ao mesmo tempo, a reprodução diária de racismo e misoginia. De fato, o mito da democracia racial cumpriu o seu papel e, em adição a isso, fez com que mulheres negras fossem as maiores vítimas a sustentar seus efeitos.

4. “A gente se encaixa com os semelhantes”: O quilombismo nas vivências afetivas.

Nos discursos que permeiam as experiências afetivas de mulheres negras, torna-se perceptível a forma como buscam em suas relações um caminho no sentido favorável à vivência com os pares. Isso fica explícito quando são expressos os relatos de E4, quando diz: “eu sempre procurei ter relacionamentos com homens negros, porque eu acredito que a conexão é muito maior”, e E5 ao falar da sua relação afrotranscentrada: “...o fato dele ser um homem preto, o fato dele ser um homem trans, o fato dele morar em periferia [...], faz com que a nossa relação seja mais leve”.

Quando direcionadas ao campo afetivo e afetivo-sexual, as mulheres negras entrevistadas estabelecem uma relação coincidente com o aquilombamento, aqui entendido como processo em que pessoas negras se unem enquanto redes de suporte, afeto, comunhão, e também

buscam fortalecimento emocional, político e social em um movimento de resistência contra-hegemônico.

Nesse sentido, E5 discorre que começa a viver as particularidades de um relacionamento afetivo, idealizado por grande parte de mulheres negras, somente quando conhece o seu atual namorado, que compartilha de vivências próximas a sua: *“essa foi a primeira relação que alguém fez toda essa conjuntura social né, de me pedir em namoro, de colocar uma aliança no dedo né, que eu ainda não tinha vivido isso [...], os outros namorados que eu tive, é...por mais que uma dessas relações tenha sido uma relação muito duradoura também, porque, antes de eu namorar com o X, eu tive uma relação de 5 anos [...], eu conheci a mãe dele, apenas, nunca fui na casa dela, nunca fui na casa dele”*.

Esses relatos fazem pensar que, para lidar com as opressões e o racismo cotidiano, é necessário construir espaços afetivos com os iguais. Isso é expresso nos discursos das entrevistadas de maneira evidente. E5, ao continuar expondo sobre as experiências de viver um relacionamento afrotranscentrado, exprime um pouco desse sentimento: *“várias das coisas, muitas vezes, que eu poderia passar num outro tipo de relação, provavelmente, nessa minha relação, eu não vou ter me sinto pertencente”*.

Estabelecer relacionamentos com iguais, retira o peso da mulher negra de precisar afirmar sua competência, ao menos dentro desse relacionamento, e oferece um local em que possa se sentir mais confortável para compartilhar suas vivências, além de fazer com que não se sintam estranhas ou estrangeiras.

Por esse motivo, quando E2 exprime: *“a gente se encaixa com os semelhantes [...], a gente busca se aproximar e busca, é...ter uma relação com pessoas que sejam iguais, pra não se sentir estranho ou sofrer preconceito também”*, retrata o sentimento de esperança de que mulheres negras possam viver uma relação plena que tenha como alcance o fortalecimento, também, a partir de um movimento interno, de si mesmo.

Em diálogo com Fanon (2020), nota-se que essa busca contínua pela aproximação com os semelhantes se justifica quando ele expõe que o negro assume um comportamento com o branco e outro comportamento com um outro negro. O autor deixa transparecer que o branco é o distante, é também o que expõe a sua negrura. O negro, porventura, é o que se aproxima e, mesmo expondo sua negrura, é o que acolhe, é a *“única esfera de identificação possível”* (NOGUEIRA, 2021, p. 53). Como relata E4: *“quando a gente fala sobre as vivências, a gente realmente consegue...chorar junto”*.

Considerações finais

Mulheres negras, submetidas à desvalorização sistemática, tendem a não serem escolhidas para contrair núpcias, relacionamento fixo, devido a uma cultura de massa racista e sexista. Como visto, essas mulheres são consideradas desprovidas de atrativo de beleza e estão na base das pirâmides sociais. Desde a família, a mulher negra está submetida a ideologias que a estimulam a negar sua identidade, seu biotipo e a criar uma aversão a si própria, como indigna de amor. São muitas as vezes em que, na família e escola, são reproduzidos os padrões de hierarquia racial que interferem diretamente em seu capital afetivo. Quanto mais característica africana, menos amor, menos possibilidade de casamento, menos afeto e mais experiências com o racismo. Entretanto, as situações relatadas também sugerem a possibilidade de reversão

desse processo, com o aquilombamento, que remete à resistência e à possibilidade de uma nova forma de amar.

Aponta-se como desafios a necessidade de ampliar estudos sobre afetividades da população negra, principalmente no contexto brasileiro, sendo imprescindível a utilização de via interseccional para a produção de pesquisas nesse eixo.

Referências bibliográficas

ADEYINKA-SKOLD, Sarah.; ROBERTS, Dorothy. Learning about Race: The Lived Experiences of Interracially Married U.S.-born White and European Immigrant Women in the 1930s. **Sociology of Race and Ethnicity**, [s. l.], v. 5, n. 3, p. 340-353, 7 ago. 2018.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Editora Pólen, 2020.

BERTH, Joice. **O que é o empoderamento?** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BERQUÓ, Elza. **Nupcialidade da população negra no Brasil**. Campinas: NEPO, Unicamp, 1987.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial {da} República Federativa do Brasil**, Brasília, v. 134, n. 201, out. 1996. Seção 1, p. 21.082-21.085.

CARMO, Nádia Amaro do; RODRIGUES, Ozaias da Silva. Minha carne não me define”: a hipersexualização da mulher negra no Brasil. **O Público e o Privado** · nº 40 · set/dez · 2021

CLARKE, Averil. Y. **Inequalities of Love: College-Educated Black Women and the Barriers to Romance and Family**. [S. l.]: Duke University Press, 2011.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p.171-189, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2022.

DIXON, Patricia. Marriage Among African Americans: What Does the Research Reveal? **Journal of African American Studies**, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 29-46, 9 ago. 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Renato da Silveira. São Paulo: UBU Editora, 2020, 320 p.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos *et al.* Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, p. 388-394, 1 fev. 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/3bsWNzMMdvYthrNCXmY9kJQ/?lang=pt>. Acesso em: 9 jul. 2022.

GERGEN, Kenneth. J. The social constructionist movement in modern psychology. **American Psychologist**, [s. l.], n. 40, v. 3, 1985, p. 266-175. Disponível em:

<https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0003-066X.40.3.266>. Acesso em: 11 jun. 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. **Vivendo de Amor**. 2021. Disponível em:

<https://www.olibat.com.br/documentos/Vivendo%20de%20Amor%20Bell%20Hooks.pdf>.

Acesso em: 11 jun. 2022.

HORDGE-FREEMAN, Elizabeth. **A cor do amor: Características raciais, estigma e socialização em famílias negras**. São Paulo: EdUFSCar, 2020

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente: significações do corpo negro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Salvador: EDUFBA, 2013. (Coleção Temas Afro).

PINHEIRO, Odette Godoy. Entrevista: uma prática discursiva. In: SPINK, Mary Jane (Org.). **Práticas discursivas e produção dos sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PRAZER, da rocha um cristal. Produção de Cristal. [S. l.: s. n.], 13 abr. 2019. 1 vídeo (2 min 54). Disponível em: <https://youtu.be/JgXcAvcuXlQ>. Acesso em: 23 maio 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

SANTOS, Ineildes. Carneiro. dos .; OLIVEIRA, Eduardo.. Experiências das mulheres na escravidão, pós-abolição e racismo no feminismo em Angela Davis. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, n. 1, p. e51328, 2018.

SANTOS, Glauce Souza. Eu, Nega Fya e a solidão da mulher preta. **Revista de Estudos Literários da UEMS**, Mato Grosso do Sul, v. 1, n. 24, p. 351-373, 2020.

SILVA, Orlando. O racismo e a violência contra a mulher. **Vermelho. A esquerda bem informada** 12 Nov.2015 - 12h12. Disponível

http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=7318&id_coluna=146.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Famílias inter-raciais: tensões entre amor e cor**. Salvador: EDUFBA, 2018.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. **A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo**. 2008. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

SPATES, Kamesha *et al.* Gendered Racism in the Lives of Black Women: A Qualitative Exploration. **Journal of Black Psychology**, [s. l.], v. 46, n. 8, p. 583–606, 27 set. 2020.

SPINK, Mary Jane. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

SPINK, Mary Jane; LIMA, Helena. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. *In*: SPINK, Mary. Jane (Org.). **Práticas discursivas e produção dos sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. *In*: SPINK, Mary. Jane (Org.). **Práticas discursivas e produção dos sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.